

Tito de Moraes um dos corredores de fundo da liberdade e da justiça

Em meados de Abril de 1991, com a mesma paixão ideológica que norteou a sua vida, Tito de Moraes, no gabinete de trabalho da sua residência, rodeado de fotos e de documentos, bem representativos de uma época, falou-me sobre passagens e alguns pormenores da sua vivência de resistente anti-fascista. Com o pensamento longínquo, recuando no tempo e no espaço, descreveu com eloquência e clareza, factos, revoluções, prisões, sentimentos e solidariedades, chegando, conforme as circunstâncias, a rir, a sorrir, a humedecerem-se-lhes os olhos e a embargar-se-lhe a voz pela emoção dificilmente disfarçada.

Manuel Alfredo Tito de Moraes, que nasceu em Lisboa em 28 de Junho de 1910, formou-se em Engenharia Electrotécnica pela universidade de Grand, na Bélgica, e efectuou vários estágios em Paris e na Alemanha.

Família

Casou em segundas núpcias com Maria Emília Cunha Rego Tito de Moraes, por quem revela o maior apreço, salientando o papel, importante e fundamental que desempenhou na sua vida, por comungar dos seus ideais e por ter lutado a seu lado com firmeza e determinação. Maria Emília deu-lhe inestimável e diversificado apoio, quer secretariando reuniões políticas e estabelecendo os necessários contactos, quer acompanhando-o sempre para todo o lado e em todas as ocasiões, algumas delas bem conturbadas e difíceis. Com a maior naturalidade, Manuel Tito de Moraes sublinhou o esforço de sua mulher que sozinha “graças às suas qualidades profissionais, em vários períodos da nossa vida, teve o encargo exclusivo da manutenção da família”. Deste casamento tem 3 filhos. Do primeiro casamento tem 5 filhos. Tem também 10 netos e 6 bisnetos.

Os filhos são:

Maria Carolina – Médica Psiquiátrica Infantil;

Maria da Conceição – Funcionária Pública;

João Manuel – Empresário;

Maria Luísa – Jornalista;

Maria Teresa – Empresária;

Manuel – Engenheiro de Telecomunicações;

Luís Manuel – Investigador Oceanográfico;

Pedro Manuel – Publicista.

Quando estalou a revolução de 5 de Outubro, que alterou o quotidiano do país e, muito particularmente, o de seus pais, era ainda criança de berço.

A sua formação deveu-se, em grande parte, a sua mãe, Carolina de Macedo Moraes era “uma mulher extraordinária que me ensinou a respeitar as pessoas independentemente da sua origem”, bem como à influência dos princípios e valores absorvidos através do

exemplo e da educação ministrados por seu pai, o Almirante Tito de Moraes. “Ambos tiveram predominante responsabilidade na minha formação”, e com amargura confidencia: “Nem um nem outro vi antes de falecerem, Salazar tinha-me obrigado ao exílio, nunca lhe perdoei”.

Pai republicano

Orgulhosamente lembrou o facto de seu Pai, republicano de firmes convicções democráticas, apenas com 30 anos e a patente de 2º tenente, ter tido tão preponderante acção na referida revolução de 1910 ao tomar de assalto o Cruzador S. Rafael, que se encontrava fundeado no Tejo, e daí, não só, ter bombardeado através da Rua do Ouro, as tropas leais à monarquia que se encontravam no Rossio, como também ter deitado abaixo a bandeira do Palácio Real das Necessidades, pondo em fuga a família real. Neste palácio ainda se conserva, no mesmo local, o testemunho de espelho então estilhaçado pela granada do S. Rafael.

Após a revolução foi Ministro em sucessivos governos, Deputado e Senador às Constituintes de 1911, militou no Partido Republicano Nacionalista. Durante a ditadura, conjuntamente com Norton de Matos e Mendes Cabeçadas, foi dirigente da Aliança Republicana e Socialista.

Tito de Moraes lembrou com satisfação o ambiente familiar, onde a política fazia parte do quotidiano, tendo, juntamente com seus irmãos Palmira e Augusto, crescido numa vivência de democracia plena e de liberdade responsável. Lembrou também que foi em casa de seus Pais que conheceu e conviveu com eminentes políticos da época, como Brito Camacho e o Presidente António José de Almeida, que o marcou profundamente, pela sua brilhante inteligência e pelos conselhos que teve o privilégio de receber pessoalmente.

Clima de 1926

Recordando este período elucidou que, por ocasião da revolução de 28 de Maio, havia um grande confusão no espírito das pessoas, provocada pelos monárquicos que, propositadamente, criavam um clima de disputa e de divisionismo entre os vários Partidos Republicanos, transmitindo à população uma imagem de grande instabilidade e insegurança.

Nessa altura, Manuel Tito de Moraes, com 16 anos, Sargento Cadete, pois estudara no Colégio Militar, encontrando-se com uma licença de estudo a frequentar o Liceu Camões já como finalista, resolve com um amigo em condições semelhantes esclarecerem-se sobre as intenções do Movimento e seu objectivo futuro, visto que lhes parecia ter credibilidade, uma vez que um dos Chefes era Mendes Cabeçadas, um dos revolucionários do 5 de Outubro.

Em virtude dos chefes do referido Movimento, vindos de Braga a caminho de Lisboa, se encontrarem no Entroncamento bem como o General Gomes da Costa, os dois jovens estudantes deslocaram-se lá. O apelido de ambos abriu-lhes caminho, facilitou-lhes as apresentações e proporcionou-lhes a conversa de esclarecimento que motivara a

deslocação. Conversa que não convenceu Manuel Tito de Morais, pelo contrário, desiludiu-o um pouco. Ao voltarem para Lisboa, por coincidência, no mesmo comboio que transportava o General Gomes da Costa e a sua tropa, deu-se um episódio engraçado e a atitude subsequente de Manuel Tito de Morais foi bem significativa da desconfiança que já pairava no seu espírito.

Contou-me que o Revisor ao pedir-lhes os bilhetes, exclamou de imediato, como a escusar-se de o ter feito, "Ah! desculpem, vêm com o senhor general?", ao que o seu amigo respondeu: "Sim, senhor", ao passo que ele esclareceu, "mas eu não venho e quero pagar o meu bilhete". Tito de Morais afirma não ser relevante este pormenor, mas intuitivo da dúvida e da apreensão que já transportava, "não querendo assumir qualquer compromisso, mesmo só para comigo, pelo facto de viajar às custas de alguém ou de algum movimento, com os quais não tinha nada em comum".

Ainda hoje, Tito de Morais sente profunda mágoa pelo facto de Mendes Cabeçadas ter actuado de tão boa fé, com certa ingenuidade, sendo, sem se dar conta, ultrapassado pelo próprio movimento do 28 de Maio de triste memória e nefastas consequências.

Os 16 anos.

Início da actividade política

Foi, precisamente, nesta altura, que Tito de Morais inicia, espontaneamente, a sua actividade revolucionária. "Direi mesmo que a minha acção política começou aos 16 anos quando levei a primeira chanfalhada de um soldado de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana que invadiu o Liceu Camões, aquando de uma greve estudantil".

Este incidente policial foi o seu primeiro contacto directo com a autoridade e a repressão. Facto que funcionou como rastilho, desenvolvendo e intensificando todo um percurso revelador da sua natural faceta de líder opositor, preocupado, com a assunção da liberdade e segurança social.

Desde essa data, Tito de Morais esteve sempre na primeira linha das manifestações contra o regime, agitando, sensibilizando, politizando, alertando e dirigindo.

Terminado o liceu ingressa na Faculdade de Ciências, onde tira as cadeiras de Física, Química e Matemática, preparatórias para a Escola Naval à qual, entretanto, concorrera a fim de corresponder ao desejo de seu Pai que gostaria de vê-lo seguir a sua carreira de Oficial de Marinha. Contudo reprova no exame de admissão, porque chumbara em inglês. Isso entristece-o, por causa de seu Pai, embora intimamente chegasse a sentir uma certa felicidade com esta reprovação, pois não tinha tendência para militar.

Irritado, o Almirante Tito de Morais, mandou-o estudar para a Bélgica, onde se formou em Engenharia Electrotécnica, pela Universidade de Gand. Entretanto, durante a frequência do curso, seu Pai comunica-lhe que, a Escola Naval informara-o de que se o filho concorresse de novo seria admitido. Tito de Morais responde a seu Pai dizendo-lhe: "Agora não Pai, agora é um pouco tarde demais". Seu pai compreendeu e não insistiu.

Despedido

Concluído o curso, volta para Portugal exercendo a profissão, primeiro na Marconi, depois na General Electric com a responsabilidade de dirigir o Departamento de Electro medicina e posteriormente na Pasteur Portuguesa, como representante da RCA, representação excepcional e de difícil obtenção, mas conseguida por Tito de Morais.

Em 1945, o director francês da Pasteur chama-o para lhe transmitir que os seus serviços são dispensados, por causa de pertencer à Comissão Central do MUD, e como justificação acrescenta: "ainda se fosse mero colaborador, mas logo dirigente, isso não posso consentir". Tito de Morais surpreso responde que só aceita ir para a rua se o despedimento lhe for comunicado por escrito e explicitando o motivo. Curiosamente o citado director escreve-lhe uma carta repetindo exactamente tudo quanto lhe dissera, directamente, de viva voz.

Desempregado, mas utopicamente feliz, Tito de Morais vive o ambiente de euforia que a constituição do MUD – Movimento de Unidade Democrática, trouxera à oposição. De norte a sul do país os anti-fascistas organizaram-se, conheceram-se passaram a reunir, tomaram consciência do seu número, da sua força e dos seus objectivos.

Participou, activamente, na campanha do General Norton de Matos à Presidência da República, uma das figuras que mais se notabilizou na luta contra o fascismo, como membro da sua Comissão Central.

Pairava então a esperança, que, como um raio de luz, caiu veloz e inesperadamente, no dia 31 de Janeiro de 1947, ao ser ilegalizado o MUD e presa toda a 2ª Comissão Central, presidida por Mário de Azevedo Gomes.

Tito de Morais que entrara para o MUD, através das Bases, como sempre fez em todos os Movimentos, é nesta altura, como mais atrás se observou, membro da Comissão Central.

Em 31 de Janeiro, a PIDE, às 6 da manhã, irrompe pela casa de Tito de Morais obrigando-o a acompanhá-los. Surpreendido e indignado tenta resistir, protesta e pede insistentemente para lhe deixarem telefonar ao seu advogado. Os polícias indiferentes aos seus apelos, agarram-no por um braço, trazem-no pela escada abaixo e atiram-no para dentro da carrinha. Perplexo verifica que o seu advogado, Manuel João da Palma Carlos, já se encontrava lá, bem como muitos outros, entre eles Mário Soares que lhe pergunta:

- "Então tu não trazes dinheiro?"

- "Eu não, para que é que eu queria dinheiro?", responde-lhe Tito.

Mário Soares, então esclarece:

- "Para ires para primeira".

Tito de Morais que desconhecia esta exigência replica:

- "Paciência, não irei para primeira, vou para terceira."

Mário Soares preocupado puxa de 50\$00 e dá-lhos, visto que era prática nas cadeias seleccionar os presos através das suas momentâneas posses e o mínimo que deveriam entregar à chegada, para usufruírem do tal tratamento de primeira, eram cinquenta escudos, que à saída lhes eram devolvidos.

Nessa ocasião, pelo mesmo motivo, foram também presas 3 mulheres, Maria Isabel Aboim Inglês e Bernardina Felgueiras, membros Directivos do MUD, bem como Maria Emília, responsável pelos Serviços de Secretaria daquele movimento, e que, por coincidência, esteve tanto tempo detida como Tito de Moraes, o último a ser solto em 23 de Março de 48, sob uma fiança de 100.000\$00, que um grande amigo lhe emprestou.

Maria Emília, voltou a ser detida, precisamente no enterro de Bento de Jesus Caraça, por estar a tirar fotografias e recusar-se a entregar o respectivo rolo à PIDE, tendo-o passado, rapidamente, a outrem. Dessa vez, esteve só um dia na António Maria Cardoso, mas foi com extrema dificuldade que Tito de Moraes e os correligionários amigos obtiveram a sua libertação.

Reportando-se ainda ao Aljube, Manuel Tito de Moraes, emocionado, descreve que, consecutivamente, durante as primeiras 15 noites, às zero horas, iam buscá-lo à camarata onde se encontravam todos e mais uns quantos, que haviam sido detidos antes, também por razões políticas, como João Soares, Pai de Mário Soares, e Maldonado Freitas, que ficava acordado à espera que Tito voltasse do interrogatório, o que acontecia, invariavelmente, pelas 4 horas da manhã, para lhe aconchegar a roupa, quando o julgava a dormir. Tito de Moraes jamais esqueceu este Amigo, nem este seu gesto de extremo afecto e solidariedade.

Angola

Ao sair do Aljube procurou, em vão, arranjar emprego, resolvendo, por isso, ir para Angola. Chegado a Luanda, deparou-se-lhe idêntica situação com a agravante de que sempre que conseguia trabalho, no dia seguinte, os patrões informavam-no de que devido a pressões da polícia política eram obrigados a despedi-lo.

Nessa altura, valeu-lhe a coragem de um seu antigo condiscípulo que, ao saber das dificuldades com que se debatia, fez frente à PIDE e deu-lhe trabalho na sua própria Empresa, a "Luso Dana Lda.". Foi um dos períodos mais importantes da sua vida, porque exercia, como tanto ambicionava, a sua efectiva profissão e porque continuava, igualmente, activo, na expansão do seu ideal democrático. Em 1958, participou nos serviços da Candidatura do General Humberto Delgado à Presidência da República e foi, também, Presidente da Direcção da Sociedade Cultural de Angola.

Contudo, por ironia do destino, em Luanda conheceu os dois sentimentos mais antagónicos, o da felicidade pelas circunstâncias descritas e o do horror, verificado durante a sua estada na cadeia de S. Paulo de Luanda, por detenção ocorrida em Março de 1961, logo que rebentou a Guerra Colonial. Preso, após ter embarcado Maria Emília e os filhos para a metrópole, oito dias depois de um incidente altamente afrontoso sofrido, exactamente, por Maria Emília no seu local de trabalho, tendo como

interveniente o chefe de pessoal da Firma. Este entrara, abruptamente, pelo seu gabinete e à sua secretária, onde colocou a pistola que transportava no bolso, possesso de raiva gritou:

- "Tenho de comprar mais balas, porque agora não é só preciso matar os pretos, tenho também que matar os comunistas".

Perante esta significativa afronta, Tito de Moraes apercebeu-se de que se avizinhavam tempos de represália e de perseguições desmedidas. Temeu pela família e forçou-os a regressar a Portugal.

Precisamente quando a família chegava à metrópole, Tito de Moraes era encarcerado na referida cadeia de Luanda, onde passou o período mais duro da sua vida, que manifestamente não deseja recordar, salientando, apenas, que jamais se poderá avaliar quanto sofreu, sofrimento esse absolutamente indescritível.

Com gratidão, esclarece que acabou por ser transferido para Portugal, graças à persistência de um grupo de amigos, que moveram influências, junto das autoridades a quem responsabilizavam pela sua vida, que perigava em consequência do tratamento calamitoso, desumano e cruel a que estava a ser sujeito. Trazido de avião como prisioneiro, foi-lhe comunicado à chegada, já no aeroporto da Portela, de que lhe era restituída a liberdade, embora com residência fixa no concelho de Lisboa.

Exílio

Recomeçar profissionalmente aos 50 anos é sempre difícil e, considerando a incansável perseguição movida pela PIDE, que lhe inviabilizava todas as promessas de emprego, como por exemplo na Siemens, onde lhe garantiram uma colocação, negando-lha no dia imediato, percebe-se a razão que motivou Tito de Moraes a lutar para que lhe dessem autorização para sair do país.

França foi a sua primeira etapa, onde, sem sucesso, procurou emprego, partindo depois para o Brasil, num barco Argentino, apinhado, exclusivamente, por emigrantes.

A rir lembra que a balbúrdia e a confusão dessa viagem não lhes deixaram recordações agradáveis. Acompanharam-no Maria Emília e João Manuel, o mais velho dos seus 8 filhos, enquanto que os dois mais novos, ainda pequenos, ficaram uns tempos em Portugal, em casa de familiares, indo depois ter com eles.

Entretanto, seu irmão Augusto, ao tempo médico em Bangkok, contactou com um amigo, residente no Rio de Janeiro, conseguindo, por seu intermédio, emprego para Manuel Tito de Moraes, em S. Paulo, numa das maiores Siderurgias Mundiais e, indiscutivelmente, a maior do Brasil, a COSIPA

Este país recebeu-o de braços abertos. No entanto só lá viveu de 61 a 63, embora a sorrir observe:

- "Se aí tivesse permanecido, hoje estaria muito bem, desfrutando dos privilégios da vida, com um chapéu de palha, um papagaio e uma boquilha... Mas, claro, essa não era a minha vocação".

União Democrática Portuguesa

Ambicionava, e conseguiu, criar um movimento externo que apoiasse os resistentes de Portugal, congregados nas Juntas de Acção Patriótica. E, o Brasil situava-se, demasiado, distante para as estratégias e contactos que se impunham estabelecer.

Mas, não deixou o Brasil sem a sua marca ideológica. Aí fundou uma ramificação do MUD – União Democrática Portuguesa.

Realizou-se, então, em Roma a 1ª Convenção da FPLN – Frente Patriótica de Libertação Nacional, que contou com a participação de diversas personalidades e de várias forças políticas da oposição, como a delegação comunista e a delegação em que Tito de Morais participava, na qualidade de representante da Resistência Republicana e Socialista de Portugal, que agrupava principalmente os anti-fascistas, que actuavam na CEUD, a qual, "ainda não tinha uma expressão política organizada".

Argel

Nessa reunião houve algumas divergências sobre a localização da Direcção da FPLN, vencendo a proposta de Tito de Morais, que privilegiava Argel.

Então, de conformidade com essa deliberação, instala-se em Argel, de 1963 a 66. E, como primeiro elemento da referida Direcção a chegar à Argélia, lembra-se da satisfação sentida pela cordialidade com que foi recebido por todos os governantes.

A FPLN, na 2ª Convenção realizada em Praga, elegeu como seu Presidente o General Humberto Delgado.

Na Argélia Tito de Morais participou na fundação da Rádio Voz da Liberdade de Argel, de que foi também locutor. Com manifesto interesse eram ouvidas as notícias, dessa Rádio, quer pelo nível dos textos, quer pelo seu timbre de voz.

Prosseguindo a sua interessante narrativa, elucida que, em dado momento, os socialistas portugueses, pressentiram que a sua acção seria mais eficaz se criassem uma organização que retirasse ao Governo de Salazar os apoios que, no plano internacional, obtivera de certos Governos ocidentais, alguns deles socialistas.

Havia, portanto, que constituir um movimento que funcionasse como interlocutor e fosse bem aceite pelos partidos apoiantes dos referidos governos, que, como se sabe, não estavam dispostos a dialogar com o Partido Comunista e este, por seu turno, só mantinha conversações com os Partidos seguidores do Leste.

Nesse sentido, delegaram em Mário Soares, Ramos da Costa e Tito de Morais os poderes necessários para fundarem a ASP – Acção Socialista Portuguesa, o que se concretizou em Genève, a 7 de Abril de 1964. Do acontecimento, deram, de imediato, conhecimento ao General Humberto Delgado.

Alguns tempos depois, ao reconhecerem a impossibilidade de fortalecerem a ASP, permanecendo integrados na FPLN, deliberaram desligar-se da referida Frente, mantendo, no entanto, estreitas relações políticas.

Roma

Em 1966, Tito de Moraes, por orientação de Mário Soares, foi transferido para Roma, como representante da ASP, junto do Partido Socialista Italiano, a fim de convencê-lo de que existiam socialistas em Portugal. Isto porque o Estado Novo criara, no exterior, a imagem de que em Portugal só existiam comunistas. Urgia, pois, mostrar ao mundo que a ditadura de Salazar era uma realidade contestada por uma larga maioria da população portuguesa, não comunista, silenciada e oprimida pela polícia política.

Assim, já no seguimento de iniciativas desenvolvidas por Manuel Tito de Moraes, um grupo de socialistas italianos deslocou-se a Portugal, previamente munido de uma lista com os nomes das pessoas que deviam contactar. Este grupo percorreu o país de um extremo ao outro, encontrando socialistas por toda a parte. Claro que esta visita foi um êxito e que os próprios correligionários italianos foram perseguidos pela PIDE, interrogados no próprio hotel, e expulsos de Portugal.

Internacional Socialista

Constatada esta realidade, a Internacional Socialista, em Congresso, por proposta do Partido Socialista Italiano, votou por unanimidade a entrada da ASP como membro de facto, apesar de ser Movimento e não Partido, acontecimento inédito e que não voltou a repetir-se.

Manuel Tito de Moraes que representava o Secretariado Nacional da ASP, junto do Partido Socialista Italiano, passou a representá-lo também junto da Internacional Socialista, bem como Mário Soares e Ramos da Costa.

"Esta representação proporcionou-me a oportunidade de contactar com os mais altos representantes do socialismo europeu, como Willy Brandt, Olaf Palm, KreisKy, de Martino, Miterrand, etc."

Portugal Socialista

Em 1967, na qualidade de Fundador e de Director, lança na clandestinidade o jornal Portugal Socialista, no que é apoiado financeiramente pelo PS italiano, que lhe cede o papel necessário e põe à sua inteira disposição a Tipografia, do seu Jornal o Avanti, bem como os tipógrafos, que colaboraram sempre com grande interesse e empenho, indo ao ponto de aprenderem a compor em português e Tito de Moraes por seu turno aprendeu com eles a paginar, a escolher os títulos etc., enfim todos os segredos essenciais à feitura de um jornal.

Imprimidos os jornais havia que distribuí-los. Tito de Moraes optou por dois tipos de expansão. Confiar uns tantos a estrangeiros, seus conhecidos, que vinham a Portugal e que os deixavam em casa de Mário Soares, habitual ponto de encontro dos socialistas,

enquanto que os exemplares do Portugal Socialista que desejava espalhar por todo e qualquer cidadão, aqui residente, eram enviados primeiro para camaradas seus, dos diversos partidos socialistas e social democratas da Europa, da América Latina e do Canadá, que, imediatamente após o seu recebimento, os remetiam para Portugal, respeitando os endereços que Tito, igualmente lhes enviara antecipadamente e que retirava dos anuários comerciais. Assim, o Portugal Socialista entrava em Portugal vindo de várias partes do globo. Contudo, à sua chegada, os correios, sempre atentos, captavam e destruíam uma média de 50%.

Congresso de 1973

Entretanto, como Mário Soares residia em Paris, bem como Francisco Ramos da Costa, esta capital passou a funcionar como quartel-general dos socialistas portugueses e, por essa razão, Tito de Morais aí se deslocou várias vezes. Viajava clandestinamente, pois em França fora decretada a sua expulsão, em consequência de um "acordo firmado entre De Gaulle e Salazar. Nesse acordo o ditador comprometia-se a extraditar George Bideaut, um dirigente da OAS na Argélia, que fugira para Portugal, desde que o Presidente Francês expulsasse Tito de Morais de França".

Curiosamente este decreto entrou em vigor quando Tito de Morais vivia na Argélia, ausente, portanto, de França.

Neste memoriar retrospectivo, Manuel Tito de Morais reporta-se, como não poderia deixar de acontecer, ao célebre congresso da ASP, realizado a 19 de Abril de 1973, em Bad Munstereiffel, que contou com a participação dos representantes dos núcleos de militantes do interior, como se designavam os de Portugal, e dos núcleos de militantes da Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Suécia e Suíça, que deliberaram e votaram a transformação do movimento ASP em Partido Socialista. A votação contou com 20 a favor e 7 contra, estes últimos concordavam com a ideia, mas discordavam do momento. Ao Congresso presidiu Fernando Vale e o redactor da acta foi António Arnaut.

O 25 de Abril

Embora houvesse muito mais para recordar, percebemos que o nosso encontro com a História estava prestes a terminar. Na minha frente Tito de Morais, saudosamente feliz, lamenta que o 25 de Abril o tenha colhido com um atraso de 10 anos. Rindo-se, lembra que, exactamente, no dia 24 de Abril de 1974, em Bona, com Mário Soares e Francisco Ramos da Costa, numa reunião tida com o Ministro da Defesa Alemão haviam realçado a fragilidade e as brechas que começava a evidenciar o regime ditatorial português, prevendo-se iminente a sua queda. Ao que o Ministro Alemão, acostumado a estas constantes esperanças, lhes ia respondendo, sem convicção, por mera delicadeza: "Claro, claro, com certeza..."

Ora, nessa mesma madrugada, foi o próprio Ministro alemão, quem telefonou para o hotel onde pernoitavam a fim de avisar Mário Soares de que a esperada revolução estalara em Portugal. Mário Soares, radiante de felicidade, corre ao quarto de Tito de Morais e anuncia:

- "Revolução em Portugal"

Tito, virando-se para o outro lado, pede-lhe para se deixar de graças e o deixar dormir.

Mário Soares, insiste:

- "É a sério acaba-me de comunicar o Ministro. Acorda Tito, por favor acorda".

Nesta altura Tito de Morais tem consciência da situação e levanta-se automaticamente.

Ambos correm ao encontro de Ramos da Costa e não será difícil de imaginar a profusão de abraços, vitoriosos e felizes, destes amigos e correligionários que imediatamente combinaram o seu regresso a Portugal.

Mário Soares e Francisco Ramos da Costa tomaram o avião para Paris e Tito de Morais foi de carro por causa da já conhecida necessidade de entrar clandestinamente em França. No entanto, Manuel Tito de Morais em virtude da incomensurável alegria, precipita-se e entra pela fronteira errada, onde não tem nenhum polícia amigo e, claro, a entrada foi-lhe interdita. Furioso, Tito de Morais, fez um escarcéu tremendo, irritou-se e disse que tinha todo o direito em entrar, pois só queria tomar o comboio para Portugal.

O polícia respondeu-lhe que não tinha direito nenhum. Por fim, apareceu o chefe da Fronteira que, chamando-o de parte, lhe sussurrou:

- "O senhor deu tanto nas vistas que não poderei deixá-lo passar, mas, vou explicar-lhe como deverá fazer para encontrar a fronteira Belga e daí apanhar o comboio para Paris".

Tito de Morais seguiu a referida orientação e tudo correu satisfatoriamente, encontrando-se conforme o previsto com os dois amigos, regressando com eles a Portugal na inesquecível viagem de comboio.

A chegada a Vilar Formoso foi extremamente comovente, a Estação estava repleta de gente que os vinha aplaudir e cumprimentar. Reinava a emoção e a alegria, o próprio chefe da estação não deu ordem de partida ao comboio sem primeiro perguntar a Mário Soares se o poderia fazer e isto repetiu-se sucessivas vezes até Lisboa, chegando o comboio a parar mesmo em estações não programadas.

Tito de Morais, que afirma não ter vivido outro dia, de exaltação e felicidade, igual àquele, sentiu-se plenamente realizado e disse:

- "Já nada mais tenho a fazer, a minha missão está cumprida".

Legalização do PS

Tito enganava-se, completamente, muito ainda teria de fazer. E ei-lo a organizar o Partido Socialista que funcionara, até então, na clandestinidade. Impunha-se, rapidamente criar estruturas, mobilizar, politizar, lançar as bases para que não fosse por terra a luta e os sacrifícios de tantos e de tantos anos. Legalizou-se o Partido, prepararam-se as listas de Deputados. E mais uma vez Tito de Morais se empenhou fortemente exigindo, por exemplo, que o seu nome para Deputado à Constituinte, em 1975, não fosse colocado em primeiro lugar, como estava previsto, mas sim em segundo, na lista do Distrito de Viana de Castelo onde se receava não eleger ninguém.

Esta sua atitude resultou e o PS elegeu dois Deputados em Viana do Castelo, Oliveira e Silva e ele próprio. Na eleição seguinte, em 1976, para Deputado à Assembleia da República, já encabeçou a lista do referido Distrito e posteriormente passou a fazer parte da lista do Distrito de Lisboa, ocupando um dos primeiros lugares.

Desempenhou, igualmente, destacada actuação governamental, como Secretário de Estado do Emprego, no 6º Governo Provisório, e Secretário de Estado da População e Emprego no 1º Governo Constitucional.

No Parlamento, ocupou posição cimeira, primeiro como Vice-presidente da Assembleia da República, desde 77 a 83 e depois como Presidente da Assembleia da República, de 1983 a 85, cuja actuação foi reconhecida por todos as bancadas parlamentares como altamente dignificante e isenta.

Foi ainda Vice-presidente da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, de Maio de 1979 a Abril de 1980. Sendo de registar, como prestigiante para Portugal, o facto de Tito de Morais ter presidido à sessão, nesse mesmo dia da eleição, observando-se pela primeira vez a Presidência portuguesa naquele Órgão.

Simultaneamente, foi eleito Vice-presidente do Grupo Parlamentar Socialista do Conselho da Europa.

Renunciou à actividade parlamentar em 1989, por alegadas razões de saúde, sabendo-se no entanto que a razão primeira esteve no facto de não concordar com o acordo da Revisão Constitucional assinado entre o PSD e o PS.

Presidente do Partido Socialista

Partidariamente, foi eleito, em 1975, membro da Comissão Nacional, da Comissão Política e Secretário Nacional do PS, ficando responsável pelo Departamento de Relações Internacionais.

Em 1986 foi eleito Presidente do Comissão Nacional e consequentemente Presidente do Partido, cargo que exerceu até 1988, não aceitando ser reeleito por divergências estatutárias.

Em 1988, Manuel Tito de Morais, foi eleito em Congresso Presidente Honorário do PS.

Pelo seu prestígio e pelo seu empenhamento na luta em prol dos valores do socialismo humanista, foi-lhe muitas vezes solicitada a sua presença, quer em reuniões partidárias, quer em comemorações cívicas de relevo.

Condecorações

Tito de Morais, reconhecido pelos seus pares, nacional e internacionalmente, como uma das grandes e excepcionais figuras da resistência anti-fascista, recebeu as seguintes, honrosas e significativas, condecorações:

- Grande Oficial da Ordem de Mérito da República Italiana, conferida pelo Presidente Pertini, e pela primeira vez atribuída a um estrangeiro;
- Grã-cruz da Ordem de Danebrog da Dinamarca;
- Grã-cruz da Ordem de Mérito da Áustria;
- Grã-cruz da Ordem da Coroa da Bélgica;
- Grã-cruz do Luxemburgo;
- Grã-cruz da Ordem Militar de Cristo de Portugal;
- Grã-cruz da Ordem da Liberdade de Portugal

Terminada a entrevista, Tito de Morais confessou que nessa altura já não tinha projectos próprios para o futuro, mas acrescentou:

- "Estou confiante. Os ideais que nos nortearam e se mantiveram firmes durante estas décadas de luta pela Liberdade continuarão a ser o rumo do Partido Socialista. Os Partidos Socialistas continuarão a ser o motor das transformações sociais que se impõem, para que o Homem sinta alegria em viver e para que a Justiça, a Verdade, a Dignidade, bem como o Progresso sejam uma realidade, não um mito, nem um slogan".

Entrevista da autoria de **Maria José Gama** em ___/___/___

Publicada em:

Acção Socialista nº 641 em 9 de Maio de 1991;

Portugal Socialista Especial aquando da Homenagem em Out. de 1996; e

Acção Socialista nº 1046 em 6 de Janeiro de 2000 (após a morte de Tito de Morais)

Notas:

Nascimento 28 de Junho de 1910

Falecimento 14 de Dezembro de 1999